

EMMA DONOGHUE

QUARTO

Tradução
Vera Ribeiro



Presentes

Hoje eu tenho cinco anos. Tinha quatro ontem de noite, quando fui dormir no Guarda-Roupa, mas quando acordei na Cama, no escuro, tinha mudado pra cinco, abracadabra. Antes disso eu tinha três, depois dois, depois um, depois zero.

– Eu fui um número negativo?

– Hã? – disse a Mãe, dando uma espreguiçadona.

– Lá no Céu. Eu fiz menos um, menos dois, menos três...?

– Não, os números só começaram quando você desceu zunindo.

– Pela Claraboia. Você andava toda triste até eu acontecer na sua barriga.

– Falou e disse.

A Mãe se inclinou pra fora da cama para acender o Abajur, que faz tudo clarear, *zás*.

Fechei os olhos bem na hora, aí abri uma frestinha de um, depois os dois.

– Eu chorava até não ter mais lágrimas – ela me contou. – Só fazia ficar deitada aqui, contando os segundos.

– Quantos segundos? – perguntei.

– Milhões e milhões.

– Não, mas quantos, exatamente?

– Perdi a conta – disse a Mãe.

– Aí você torceu e fez um desejo pro seu ovo, até engordar.

Ela sorriu.

– Eu sentia você chutar.

– O que eu chutava?

– A mim, é claro.

Sempre rio desse pedaço.

– Pelo lado de dentro, *tum, tum* – a Mãe levantou a camiseta de dormir e fez a barriga pular. – Eu pensei: *O Jack está chegando*. Logo de manhã cedo, você saiu escorregando para o tapete, com os olhos arregalados.

Olhei para o Tapete, com o vermelho, o marrom e o preto fazendo zigue-zagues um em volta do outro. Estava lá a mancha que eu tinha derramado por engano na hora de nascer.

– Você cortou o cordão e eu fiquei livre. Aí eu virei um menino.

– Na verdade, você já era um menino.

Ela se levantou da Cama e foi até o Termostato esquentar o ar.

Acho que ontem de noite ele não veio, depois das nove. O ar sempre fica diferente quando ele vem. Não perguntei, porque ela não gosta de falar dele.

– Diga-me, sr. Cinco Anos, gostaria de receber seu presente agora ou depois do café da manhã?

– O que é? O que é?

– Sei que você está agitado – ela disse –, mas lembre-se de não roer a unha, porque os micróbios podem se infiltrar no buraco.

– E me adoecer como quando eu tinha três anos, com vômito e diarreia?

– Pior até – disse a Mãe. – Os micróbios podem fazer você morrer.

– E voltar cedo pro Céu?

– Você continua a roer – ela disse, e puxou minha mão.

– Desculpe. – Sentei em cima da mão malvada. – Me chame de sr. Cinco Anos de novo.

– E então, sr. Cinco Anos – disse ela –, agora ou depois?

Pulei na Cadeira de Balanço para ver o Relógio, que dizia 7:14. Sei fazer skate na Cadeira de Balanço sem me segurar nela, depois *upa* de novo, na volta pro Edredom, e aí já estou surfando na neve.

– A que hora é pra abrir os presentes?

– Agora ou depois, qualquer um é divertido. Quer que eu escolha por você? – a Mãe perguntou.

– Agora eu tenho cinco anos, tenho que escolher. – Meu dedo foi de novo para minha boca, aí botei ele na axila e tranquei firme. – Eu escolho... já.

Ela puxou uma coisa de baixo do travesseiro, acho que tinha ficado escondida, invisível a noite inteira. Era um tubo de papel pautado, todo enrolado na fita roxa dos mil chocolates que ganhamos no dia que aconteceu o Natal.

– Abra – ela me disse. – Devagarzinho.

Descobri como desdar o nó e abri o papel, era um desenho só a lápis, sem cores. Eu não sabia o que era, aí virei o papel.

– Eu! – Era que nem no Espelho, só que mais, tinha minha cabeça e braço e ombro, de camiseta de dormir. – Por que os olhos do eu estão fechados?

– Você estava dormindo – disse a Mãe.

– Como você fez um desenho dormindo?

– Não, eu estava acordada. Ontem de manhã e anteontem, e no dia antes desse, acendi o abajur e desenhei você. – Ela parou de sorrir. – O que foi, Jack? Não gostou?

– Não... não quando você fica acesa na mesma hora que eu estou apagado.

– Bem, eu não podia desenhá-lo com você acordado, senão não seria surpresa, não é? – a Mãe disse, e esperou. – Achei que você gostaria de uma surpresa.

– Prefiro surpresa com eu sabendo.

Ela meio que riu.

Subi na Cadeira de Balanço para tirar uma tachinha do Kit da Prateleira; menos uma quer dizer que agora vai sobrar zero das cinco. Eram seis, mas uma sumiu. Uma está prendendo as *Grandes obras-primas da arte ocidental n.º 3: A Virgem, o Menino, sant'Ana e são João Batista*, atrás da Cadeira de Balanço, e outra prende as *Grandes obras-primas da arte ocidental n.º 8: Impressão: nascer do sol*, do lado da Banheira, e outra segura o polvo azul, e a outra, o desenho maluco de cavalos chamado *Grandes obras-primas da arte ocidental n.º 11: Guernica*. As obras-primas vieram nos flocos de aveia,

mas fui eu que fiz o polvo, foi o meu melhor de março, e ele está ficando meio ondulado por causa do vapor que sobe da Banheira. Prendi o desenho-surpresa da Mãe na cortiça bem do meio, acima da Cama.

Ela abanou a cabeça.

– Aí não.

Não quer que o Velho Nick veja.

– Que tal no Guarda-Roupa, no fundo? – perguntei.

– Boa ideia.

O Guarda-Roupa é de madeira, por isso tive que empurrar a tachinha um bocadão extra. Fechei as portas bobas, que vivem rangendo, mesmo depois que a gente botou óleo de milho nas dobradiças. Olhei pelas tabuinhas, mas estava muito escuro. Abri ele um pouco para dar uma espiada, o desenho secreto é branco, menos as linhas pequenininhas de cinza. O vestido azul da Mãe ficou pendurado em cima de um pedaço do meu olho dormindo, quer dizer, do olho do desenho, mas o vestido é de verdade no Guarda-Roupa.

Senti o cheiro da Mãe do meu lado, eu tenho o melhor nariz da família.

– Puxa, eu se esqueci de tomar um pouco quando acordei.

– Tudo bem. Talvez a gente possa pular isso de vez em quando, agora que você está com cinco anos, não é?

– Nem vem, neném.

Aí ela deitou no lado branco do Edredom, e eu também, e tomei um montão.



Contei cem bolinhas de cereal e fiz uma cascata com o leite, que é quase do mesmo branco das tigelas, sem respingar, e agradecemos ao Menino Jesus. Escolhi a Colher Derretida, com o branco todo embolotado no cabo, de quando ela encostou sem querer na panela de macarrão fervendo. A Mãe não gosta da Colher Derretida, mas ela é a minha favorita, porque não é igual.

Fiz carinho nos riscos da Mesa pra eles melhorarem, ela é um círculo todo branco, menos o cinza dos riscos, por causa de picar os alimentos.

Na hora de comer nós brincamos de Hum, que é cantarolar, porque não precisa de boca. Adivinhei “Macarena” e “She’ll Be Coming ‘Round the Mountain” e “Swing Low, Sweet Chariot”, mas essa era na verdade “Stormy Weather”. Quer dizer, acertei duas, ganhei dois beijos.

Cantarolei “Row, Row, Row Your Boat”, que a Mãe adivinhou na mesma hora. Depois fiz Hum de “Tubthumping”, e ela fez uma careta e disse:

– Droga, eu sei qual é, é aquela sobre ser derrubado e levantar de novo, como é que se chama?

Bem no finzinho, ela se lembrou direito. Na minha terceira vez escolhi “Can’t Get You Out of My Head”, e a Mãe não fazia a menor ideia.

– Você escolheu uma bem complicada... Escutou essa na televisão?

– Não, em você. – Desatei a cantar o refrão, e a Mãe disse que era uma pateta.

– Anta – falei. Dei dois beijos nela.

Empurrei minha cadeira até a Pia pra lavar a louça; com as tigelas tenho de lavar devagarinho, mas com as colheres posso fazer *plim, plam, plum*. Espichei a língua para o Espelho. A Mãe estava atrás de mim, vi meu rosto grudado no dela que nem a máscara que a gente fez quando aconteceu o Dia das Bruxas.

– Eu queria que o desenho estivesse melhor, mas pelo menos ele mostra como você é – ela disse.

– Como eu sou?

Ela deu um tapinha no Espelho onde estava a minha testa e seu dedo deixou um círculo.

– Minha cópia cuspidada e escarrada.

– Por que sou sua cópia cuspidada e escarrada? – perguntei. O círculo estava sumindo.

– Isso só quer dizer que você é parecido comigo. Acho que é por ser feito de mim, como o meu cuspe. Os mesmos olhos castanhos, a mesma bocona, o mesmo queixo pontudo...

Fiquei olhando para nós dois ao mesmo tempo, e o nós do Espelho olhou de volta.

– Não é o mesmo nariz.

– Bem, no momento você tem nariz de criança.

Segurei meu nariz.

– Ele vai cair pra crescer um nariz de adulto?

– Não, não, só vai ficar maior. O mesmo cabelo castanho...

– Mas o meu vai até embaixo, no meio de mim, e o seu só vai até o ombro.

– É verdade – disse a Mãe, estendendo a mão para a Pasta de Dentes. – Todas as suas células são duas vezes mais vivas que as minhas.

Eu não sabia que as coisas podiam ser só metade vivas. Tornei a olhar para o Espelho. Nossas camisetas de dormir também são diferentes, e a nossa roupa de baixo, a dela não tem ursinhos.

Quando ela cuspiu pela segunda vez, foi a minha vez com a Escova de Dentes, esfreguei todos os meus dentes em toda a volta. O cuspe da Mãe na pia não parecia nada comigo, nem o meu também. Lavei os dois e fiz um sorriso de vampiro.

– Aaa! – disse a Mãe, cobrindo os olhos. – Os seus dentes estão tão limpos que estão me ofuscando.

Os dela estão bem podres, porque ela esquecia de escovar, e ela sente muito e não esquece mais, só que eles continuam estragados.

Dobrei as cadeiras e botei do lado da Porta, encostadas no Secador de Roupa. Ele sempre resmunga e diz que não tem espaço, mas tem muito, se ficar em pé bem direitinho. Também sei me dobrar até ficar achatado, mas não tanto, por causa dos meus músculos, porque eu estou vivo. A Porta é de metal mágico brilhante e faz *bipe bipe* depois das nove horas, quando é pra eu ficar desligado no Guarda-Roupa.

Hoje o rosto amarelo de Deus não vai chegar, a Mãe disse que está difícil pra ele se espremer pela neve.

– Que neve?

– Olhe – ela disse, apontando para cima.

Tem um pouquinho de luz no alto da Claraboia, o resto dela está todo escuro. A neve da televisão é branca, mas a de verdade não é, isso é esquisito.

– Por que ela não cai em nós?

– Porque está do lado de fora.

– No Espaço Sideral? Eu queria que ela ficasse do lado de dentro, pra eu poder brincar com ela.

– Ah, mas aí ela derreteria, porque aqui está quentinho e gostoso.

Ela começou a cantarolar e na mesma hora adivinhei que era “Let It Snow”. Cantei o segundo verso. Depois cantarolei “Winter Wonderland” e a Mãe cantou junto, mais agudo.

Temos mil coisas pra fazer todo dia de manhã, como dar uma xícara de água à Planta na Pia, pra não derramar, depois botar ela de novo no pires em cima da Cômoda. A Planta morava na Mesa, mas o rosto de Deus queimou uma folha dela e a fez cair. Sobraram nove, que são da largura da minha mão e todas felpudas, como a Mãe diz que são os cachorros. Mas os cachorros são só da TV. Não gosto de nove. Achei uma folhinha aparecendo, então isso dá dez.

A Aranha é real. Eu a vi duas vezes. Procurei por ela agora, mas só tem uma teia entre a perna e o pedaço chato da Mesa. A Mesa se equilibra bem, o que é um bocado difícil; quando fico numa perna só, posso continuar assim por séculos, mas aí sempre caio. Não falei da Aranha com a Mãe. Ela tira as teias com a escova, diz que elas são sujas, mas pra mim elas parecem prata superfina. A Mãe gosta dos bichos que correm e comem uns aos outros no planeta dos animais selvagens, mas não dos de verdade. Quando eu tinha quatro anos, fiquei olhando umas formigas subirem pelo Fogão e ela veio e achatou todas com um tapa, pra elas não comerem a nossa comida. Num minuto elas estavam vivas e no minuto seguinte tinham virado pó. Chorei tanto que meus olhos quase derreteram. Teve também outra vez, de noite, que uma coisa ficou fazendo *nhnnnn nhnnnn nhnnnn* e me picando, e a Mãe achatou ela na Parede da Porta embaixo da Prateleira, era um mosquito. A marca ainda está na cortiça, mesmo a Mãe tendo esfregado; era o meu sangue que o mosquito estava roubando, feito um vampiro bem pequenininho. Foi a única vez que o meu sangue saiu de mim.

A Mãe tirou seu comprimido do pacote prateado que tem vinte e oito navezinhas espaciais e eu peguei uma vitamina do vidro que tem o menino plantando bananeira, e ela tirou outro do vidro grande que tem o retrato

de uma mulher jogando Tênis. As vitaminas são remédios pra gente não ficar doente e não voltar ainda pro Céu. Não quero voltar nunca, não gosto de morrer, mas a Mãe diz que pode ser legal, quando a gente tem cem anos e se cansa de brincar. Ela também tomou um mata-dor. Às vezes toma dois, nunca mais de dois, porque umas coisas são boas pra nós, mas, de repente, demais faz mal.

– É o Dente Ruim? – perguntei. Ele fica na parte de cima, perto do fundo da boca, é o pior de todos.

A Mãe fez que sim.

– Por que você não toma dois mata-dores toda hora de todo dia?

Ela fez uma careta.

– Aí eu ficaria dependente.

– O que é...?

– É como ficar pendurada num gancho, porque eu precisaria deles o tempo todo. Na verdade, talvez precisasse de cada vez mais.

– O que tem de errado em precisar?

– É difícil explicar.

A Mãe sabe tudo, menos as coisas que ela não lembra direito, ou às vezes diz que eu sou muito pequeno pra ela me explicar uma coisa.

– Meus dentes melhoram um pouco quando paro de pensar neles – ela me disse.

– Como é que pode?

– Isso se chama a vitória da mente sobre a matéria. Quando a mente não liga, a matéria não tem importância.

Quando dói um pedaço de mim, eu sempre ligo. A Mãe ficou esfregando meu ombro, só que meu ombro não está doendo, mas eu gostei assim mesmo.

Continuei sem falar da teia. É esquisito ter uma coisa que é minha e não é da Mãe. O resto tudo é de nós dois. Acho que o meu corpo é meu, e as ideias que acontecem na minha cabeça. Mas as minhas células são feitas de células dela, quer dizer que eu sou meio dela. E também, quando eu digo pra ela o que estou pensando e ela diz pra mim o que está pensando, nossas ideias de cada um pulam na cabeça do outro, que nem lápis de cera azul em cima do amarelo, que dá verde.

Às 8:30 eu apertei o botão da TV e experimentei entre os três. Achei *Dora, a aventureira*, oba! A Mãe mexeu o Coelhinho pra lá e pra cá, bem devagar, para melhorar a imagem com as orelhas e a cabeça dele. Um dia, quando eu tinha quatro anos, a televisão morreu e eu chorei, mas de noite o Velho Nick trouxe uma caixa mágica de conversor pra fazer a TV ressuscitar. Os outros canais depois dos três são todos borrados e por isso a gente não vê, porque dá dor nos olhos; só quando tem música é que a gente bota o Cober-tor por cima e fica escutando através do cinza dele e balançando o bumbum.

Hoje botei os dedos na cabeça da Dora pra dar um abraço e contei a ela dos meus superpoderes, agora que tenho cinco anos, e ela sorriu. Ela tem um cabelo grandão, que parece um capacete marrom de verdade, com uns pedaços pontudos recortados, e é do tamanho do resto dela. Sentei de novo na Cama para assistir no colo da Mãe, e me remexi até sair de cima dos ossos pontudos. Ela não tem muitos pedaços macios, mas eles são supermacios.

A Dora diz coisas que não são numa língua de verdade, são espanhol, que nem *lo hicimos*. Ela sempre usa o Mochila, que é maior dentro do que fora e leva tudo que ela precisa, tipo escadas e roupas espaciais, pra dançar e jogar futebol e tocar flauta e viver aventuras com o Botas, o macaco que é seu melhor amigo. A Dora sempre diz que vai precisar da *minha* ajuda, tipo, será que eu consigo encontrar uma coisa mágica, e espera eu dizer “Sim”. Aí eu grito “Atrás do coqueiro”, e a setinha azul clica bem atrás do coqueiro e ela diz “Obrigada”. Todas as outras pessoas da televisão não escutam. O Mapa mostra três lugares de cada vez, a gente tem que ir no primeiro pra chegar no segundo pra chegar no terceiro. Eu ando de mãos dadas com a Dora e o Botas e canto junto todas as músicas, especialmente as que têm cambalhotas ou batidas de toca-aqui, ou a Dança da Galinha Boba. Temos que ficar de olho no Raposo sorrateiro, a gente grita três vezes “Raposo, não roube!”, e ele fica todo zangado e diz “Puxa vida!” e sai correndo. Uma vez, o Raposo fez uma borboleta-robô com controle remoto, mas deu errado e ela roubou a máscara e as luvas dele, foi superengraçado. Às vezes a gente apanha estrelas e põe no bolso do Mochila, eu escolhi a Estrela Barulhenta, que acorda qualquer coisa, e a Estrela Troca-Troca, que pode se transformar em todas as formas.

Nos outros planetas, quase todos são pessoas que cabem na tela às centenas, só que muitas vezes uma fica toda grandona e próxima. Elas têm roupa em vez de pele, rosto cor-de-rosa ou amarelo ou marrom ou irregular ou cabeludo, com a boca muito vermelha e olhos grandes, pretos em volta. Elas riem e gritam muito. Eu ia adorar ver televisão o tempo todo, mas ela estraga o cérebro da gente. Antes de eu descer do Céu, a Mãe deixava a TV ligada o dia inteiro e virou um zumbi, que é igual a um fantasma só que anda, *tum, tum, tum*. Por isso, agora ela sempre desliga depois de um programa, e aí as células se multiplicam de novo de dia e podemos ver outro programa depois do jantar e fazer crescer mais cérebro durante o sono.

– Só mais um, porque é meu aniversário! Por favor!

A Mãe abriu a boca, depois fechou. Aí disse:

– Por que não? – Pôs os comerciais sem som, porque eles fazem purê do cérebro ainda mais depressa e ele escorre pelos ouvidos.

Fiquei olhando os brinquedos, tinha um caminhão excelente e um trampolim e Bionicles. Dois garotos lutavam com Transformers na mão, mas eram amigos, não pareciam bandidos.

Depois veio o programa, era *Bob Esponja Calça Quadrada*. Corri pra tocar nele e no Patrick, a estrela-do-mar, mas não no Lula Molusco, que é nojento. Foi uma história sinistra sobre um lápis gigante e fiquei assistindo por entre os dedos da Mãe, que são todos duas vezes mais compridos que os meus.

Nada assusta a Mãe. Menos o Velho Nick, talvez. Quase sempre ela só o chama de *ele*, eu nem sabia o nome pra ele até ver um desenho sobre um cara que chega de noite, chamado Velho Nick. Eu dou esse nome ao de verdade porque ele vem de noite, mas ele não parece o cara da TV, que tem barba e chifres e outras coisas. Uma vez perguntei à Mãe se ele é velho e ela disse que ele tem quase o dobro da idade dela, o que é bem velho.

Ela levantou pra desligar a TV assim que apareceram os créditos.

Meu xixi é amarelo por causa das vitaminas. Eu me sentei pra fazer cocô e disse “Até logo, pode ir pro mar”. Depois de puxar a descarga, fiquei vendo o tanque encher, fazendo *glube, blube, glupe*. Aí esfreguei as mãos até parecer que a pele ia cair, é assim que eu sei que me lavei direito.

– Tem uma teia embaixo da Mesa – eu contei, nem sabia que ia falar.
– É da Aranha, ela é de verdade. Eu vi duas vezes.

A Mãe sorriu, mas não muito.

– Você pode não tirar ela, por favor? É que ela nem está lá, mas pode ser que volte.

A Mãe ficou de joelhos, olhando embaixo da Mesa. Só consegui ver seu rosto quando ela empurrou o cabelo pra trás da orelha.

– Seguinte, vou deixá-la ficar até fazermos a limpeza, está bem?

Isso é na terça-feira, faltavam três dias.

– Tá bem.

– Sabe de uma coisa? – Ela se levantou. – Temos de marcar a sua altura, agora que você fez cinco anos.

Dei um pulo bem alto no ar.

Em geral, não é permitido eu desenhar em nenhum pedaço do Quarto nem dos móveis. Quando eu tinha dois anos, rabisquei a perna da Cama que fica perto do Guarda-Roupa, por isso toda vez que fazemos faxina a Mãe dá um tapinha nos rabiscos e diz “Olhe, teremos de conviver com isso para sempre”. Mas a minha altura do aniversário é diferente, são numerinhos do lado da Porta, um 4 preto, e um 3 preto embaixo, e um 2 vermelho, que era a cor da nossa Caneta velha, até ela secar, e o mais baixo é um 1 vermelho.

– Fique em pé, bem reto – disse a Mãe. A Caneta fez cócega no alto da minha cabeça.

Quando me afastei, tinha um 5 preto um pouquinho acima do 4. Adoro o cinco mais do que todos os números, tenho cinco dedos em cada mão e o mesmo em cada pé, e a Mãe também, somos a cara cuspida e escarrada um do outro. O nove é o meu número menos favorito.

– Qual é meu alto?

– A sua altura. Bem, não sei exatamente. Talvez um dia desses a gente possa pedir uma fita métrica, como presente de domingo.

Eu pensava que as fitas métricas eram só da televisão.

– Não, vamos pedir chocolate.

Botei o dedo no 4 e parei com o rosto virado para ele, e meu dedo ficou no meu cabelo.

- Não fiquei muito mais alto desta vez.
 - Isso é normal.
 - O que é normal?
 - É... – a Mãe mordeu a boca. – Significa que está tudo bem. *No hay problema.*
 - Mas olha o tamanho dos meus músculos – falei. Pulei na Cama, sou Jack, o Matador de Gigantes, com suas botas de sete léguas.
 - São vastos – disse a Mãe.
 - Gigantescos.
 - Maciços.
 - Imensos.
 - Enormes – disse a Mãe.
 - Imensormes – falei. Isso é um sanduíche de palavras, quando a gente espreme duas juntas.
 - Boa!
 - Sabe de uma coisa? Quando eu tiver dez anos, vou ser grandão.
 - Ah, é?
 - Vou ficar maior e maior e maior, até virar uma pessoa humana.
 - Na verdade, você já é humano – disse a Mãe. – Humanos é o que nós dois somos.
- Eu pensava que a palavra para nós era *reais*. As pessoas da televisão são feitas só de cores.
- Você quis dizer uma humana, uma mulher?
 - É – respondi –, uma mulher com um menino num ovo na minha barriga, e ele também vai ser real. Ou então, vou crescer e virar um gigante, mas um gigante bonzinho, até aqui – e pulei para tocar na Parede da Cama bem alto, quase onde o Teto começa a se inclinar pra cima.
 - Parece ótimo – disse a Mãe.
- O rosto dela ficou chocho, o que significa que eu disse uma coisa errada, mas não sei qual.
- Eu vou arrebentar a Claraboia e ir pro Espaço Sideral e sair quicando entre os planetas, *toin, toin, toin* – falei. – Vou visitar a Dora e o Bob Esponja e todos os meus amigos, e vou ter um cachorro chamado Sortudo.

A Mãe mostrou um sorriso. Estava arrumando a Caneta de novo na Prateleira.

Perguntei:

– Quantos anos você vai fazer no seu aniversário?

– Vinte e sete.

– Puxa!

Acho que isso não animou ela.

Enquanto a Banheira enchia, a Mãe pegou o Labirinto e o Forte no alto do Guarda-Roupa. Nós montamos o Labirinto desde que eu tinha dois anos; ele é todo de rolinhos de dentro dos rolos de papel higiênico, presos com durex, e eles formam túneis que se viram pra uma porção de lados. A Bola Saltitante adora se perder no Labirinto e se esconder, eu tenho que chamar por ela e sacudir e virar o Labirinto de lado e de cabeça pra baixo pra ela sair rolando, *fiu!* Depois eu joga outras coisas no Labirinto, como um amendoim e um pedaço quebrado de Lápis Azul e um espaguete curtinho que não cozinhou. Eles se perseguem nos túneis e se escondem e gritam *buu*; não consigo ver, mas escuto com o ouvido encostado no papelão e descubro onde eles estão. A Escova de Dentes quis dar uma volta, mas eu lhe pedi desculpas, ela é muito comprida. Em vez disso, ela pulou no Forte para guardar uma torre. O Forte é de latas e vidros de vitaminas, a gente faz ele ficar maior toda vez que um fica vazio. O Forte enxerga em todas as direções e esguicha óleo fervendo nos inimigos, que não sabem das suas fendas secretas de faca, ha ha ha. Eu queria levar ele pra Banheira para virar uma ilha, mas a Mãe disse que a água ia fazer a fita adesiva desgrudar.

Soltamos os nossos rabos de cavalo pra deixar o cabelo nadar. Eu deito em cima da Mãe sem nem falar nada, gosto da batida do coração dela. Quando ela respira, a gente sobe e desce um pouquinho. O pênis fica boiando.

Por causa do meu aniversário, fui eu que escolhi a roupa pra nós dois. A da Mãe mora na gaveta de cima da Cômoda e a minha, na de baixo. Escolhi sua calça jeans favorita, com pesponto vermelho, que ela só usa nas ocasiões especiais, porque está ficando com cordas nos joelhos. Para mim, escolhi o moletom amarelo de capuz e tomei cuidado com a gaveta, mas assim mesmo o canto direito saiu do lugar e a Mãe teve que botar ele de

volta com um soco. Nós dois puxamos o meu moletom pra baixo e ele mastigou o meu rosto, mas aí, *ploct*, ficou direito.

– E se eu cortasse só um pouquinho no meio do V? – a Mãe perguntou.

– Nem vem, neném.

Na hora da Educação Física, ficamos sem meias, porque descalço o pé gruda mais. Hoje escolhi primeiro a Pista; levantamos a Mesa de cabeça pra baixo em cima da Cama, com a Cadeira de Balanço em cima dela e o Tapete no alto das duas. A Pista contorna a Cama desde o Guarda-Roupa até o Abajur, e o desenho no Piso é um C preto.

– Ei, olha, eu sei fazer uma ida e volta em dezesseis passos.

– Puxa! Quando você tinha quatro anos, eram dezoito passos, não eram?

– disse a Mãe. – Quantas idas e voltas você acha que pode correr hoje?

– Cinco.

– Que tal cinco vezes cinco? Seria o quadrado do seu número predileto.

Contamos nos dedos e cheguei a vinte e seis, mas a Mãe falou que eram vinte e cinco, por isso contei de novo e também cheguei a vinte e cinco. Ela fez minha contagem no Relógio:

– Doze – gritou. – Dezessete. Você está indo muito bem.

Eu respirava *ufa ufa ufa*.

– Mais depressa...

Fui mais maior que depressa, que nem o Super-Homem voando.

Quando chegou a vez da Mãe correr, tive de escrever no Bloco Pautado da Faculdade o número do começo e o número da chegada dela, e depois separamos um do outro para ver a velocidade dela. Hoje o total dela foi nove segundos maior que o meu, o que quer dizer que eu ganhei, por isso fiquei dando pulos e vaiando.

– Vamos fazer uma corrida ao mesmo tempo.

– Parece divertido, não é? – disse ela. – Mas você lembra que um dia nós tentamos e eu bati com o ombro na cômoda?

Às vezes, quando eu esqueço as coisas, a Mãe me diz e aí eu lembro.

Tiramos todas as mobílias da Cama e botamos de novo o Tapete onde ele estava, para cobrir a Pista e o Velho Nick não ver o C sujo.

A Mãe escolheu a Cama Elástica e fui só eu que pulei na Cama, porque a Mãe podia quebrar ela. A Mãe fez o comentarista:

– Um ousado rodopio aéreo do jovem campeão dos Estados Unidos...

Minha escolha seguinte foi O Mestre Mandou, e depois a Mãe disse para a gente calçar as meias outra vez e fazer o Cadáver, que é deitar feito uma estrela-do-mar, com os dedos do pé moles, o umbigo mole, a língua mole e até o cérebro mole. A Mãe sentiu uma coceira atrás do joelho e se mexeu, ganhei de novo.

Eram 12:13, então dava pra almoçar. Meu pedaço favorito da oração é o pão nosso de cada dia. Eu sou o chefe das brincadeiras, mas a Mãe é a chefe das refeições: por exemplo, ela não deixa a gente comer cereal no café da manhã e no almoço e no jantar, pro caso de a gente adoecer, e, de qualquer jeito, isso ia acabar com ele muito depressa. Quando eu tinha zero anos e um ano, a Mãe costumava picar e mastigar minha comida pra mim, mas aí eu ganhei todos os meus vinte dentes e posso morder qualquer coisa. Esse almoço foi de atum com bolacha de água e sal, e a minha tarefa é enrolar a tampa da lata para trás, porque o pulso da Mãe não consegue.

Eu estava meio agitado, aí a Mãe disse pra brincarmos de Orquestra, que é quando a gente circula batendo nas coisas pra ver que barulhos consegue arrancar. Tamborilei na Mesa e a Mãe fez *toc toc* nas pernas da Cama, depois *puf puf* nos travesseiros, e eu usei o garfo e a colher na Porta, *plim plim*, e os nossos dedos dos pés fizeram *bum* no Fogão, mas o meu favorito é pular no pedal da Lixeira, porque isso faz a tampa abrir com um *pingue*. Meu melhor instrumento é o Dlendlem, que é uma caixa de cereal onde eu colei todas as pernas e sapatos e casacos e cabeças diferentes e coloridas do catálogo velho, e depois estiquei três elásticos no meio. O Velho Nick não traz mais catálogos para escolhermos nossa roupa, a Mãe diz que ele está ficando mais mesquinho.

Trepei na Cadeira de Balanço pra tirar os livros da Prateleira e fazer um arranha-céu de dez andares no Tapete.

– Dez andares – a Mãe disse e riu, e não era muito engraçado.

Nós tínhamos nove livros, mas só quatro com figuras:

Meu grande livro de rimas infantis

Dylan, o escavador

O coelhinho fujão
Aeroporto de armar

E cinco com figuras só na capa:

A cabana
Crepúsculo
O guardião
Amor agri doce
O código Da Vinci

A Mãe quase nunca lê os sem figuras, exceto quando está desesperada. Quando eu tinha quatro anos, pedimos mais um ilustrado como presente de domingo e veio *Alice no País das Maravilhas*, que eu gosto, só que ele tem palavras demais e muitas delas são velhas.

Hoje escolhi *Dylan, o escavador*, que estava perto da base, por isso fez uma demolição no arranha-céu, *craaaaque*.

– O Dylan de novo – a Mãe fez uma careta, mas depois soltou sua voz mais grandona:

“Chegoooooou o Dylan, o escavador troncado!
Cada pazada dele faz um monte mais bojudó.
Veja o braço longo na terra mergulhar,
Nenhum escavador mais terra quer papar.
Essa megaenxada rola e gira pela obra,
Cava e limpa dia e noite, depois repete a manobra.”

Tem um gato no segundo desenho, no terceiro ele está na pilha de rochas. Rochas são pedras, quer dizer, pesadas feito a cerâmica da Banheira e da Pia e do Vaso Sanitário, mas não tão lisas. Os gatos e as pedras só existem na televisão. No quinto desenho o gato cai, mas os gatos têm sete vidas, não são como eu e a Mãe, que só temos uma cada um.

A Mãe quase sempre escolhe *O coelhinho fujão*, por causa do jeito como a mamãe coelha pega o bebê coelhinho no fim e diz “Coma uma cenoura”.

Os coelhinhos são da TV, mas as cenouras são reais, gosto do barulho que elas fazem. Meu desenho favorito é o bebê coelho transformado numa pedra na montanha, e a mamãe coelha tem que subir, subir, subir para achar ele. As montanhas são muito grandes para ser reais, eu vi uma na TV com uma mulher pendurada nela por cordas. As mulheres não são reais como a Mãe, nem as meninas e os meninos. Os homens não são reais, menos o Velho Nick, e não tenho muita certeza se ele é real de verdade. Meio real, talvez? Ele traz mantimentos e presentes de domingo e faz o lixo desaparecer, mas não é humano como nós. Só acontece de noite, feito os morcegos. Vai ver que a Porta o inventa com um *bipe bipe* e o ar se modifica. Acho que a Mãe não gosta de falar dele, pra ele não ficar mais real.

Eu me remexi no colo da Mãe para olhar pro meu quadro favorito, do Menino Jesus brincando com João Batista, que é amigo e primo mais velho dele ao mesmo tempo. Maria também aparece, aninhada no colo da Mãe dela, que é a avó do Menino Jesus, como a *abuela* da Dora. É um quadro esquisito, sem cores, e tem uns pés e mãos faltando, a Mãe disse que ele não foi concluído. O que fez o Menino Jesus começar a crescer na barriga da Maria foi um anjo que desceu voando que nem um fantasma, só que um fantasma superlegal, com penas. A Maria ficou toda surpresa e disse “Como é possível?”, e depois “Está bem, assim seja”. Quando o Menino Jesus pipocou da vagina dela no Natal, ela colocou ele numa manjedoura, mas não para as vacas comerem, só para elas deixarem ele aquecido com seu bafo, porque ele era mágico.

A Mãe apagou o Abajur e nós deitamos, e primeiro fizemos a oração do pastor sobre os verdes pastos; acho que eles são como o Edredom, só que felpudos e verdes, em vez de brancos e chatos. (O cálice que transborda deve fazer uma lambança danada.) Tomei um pouco, do direito, porque o esquerdo não tinha grande coisa. Quando eu tinha três anos, ainda tomava muito a qualquer hora, mas, depois que fiz quatro, fico tão ocupado fazendo coisas que só tomo um pouco algumas vezes de dia e de noite. Eu queria poder falar e tomar ao mesmo tempo, mas só tenho uma boca.

Quase apaguei, mas não de verdade. Acho que a Mãe apagou, por causa da respiração dela.



Depois da soneca, a Mãe disse ter descoberto que não precisamos pedir uma fita métrica, nós mesmos podemos fazer uma régua.

Reciclamos a caixa de cereal da Pirâmide do Antigo Egito e a Mãe me mostrou como cortar uma tira do tamanho do pé dela, é por isso que se chama pé, e depois desenhou doze risquinhos. Mediu o nariz dela, que tem duas polegadas de comprimento. Meu nariz tem uma polegada e um quarto, escrevi isso. A Mãe fez a Régua dar cambalhotas em câmera lenta, subindo a Parede da Porta onde estão minhas alturas, e disse que eu tenho três pés e três polegadas.

– Ei, vamos medir o Quarto – sugeri.

– Como, ele todo?

– A gente tem outra coisa pra fazer?

Ela me deu um olhar estranho:

– Acho que não.

Escrevi todos os números, e o alto da Parede da Porta até a linha onde começa o Teto é igual a seis pés e sete polegadas.

– Adivinha só – eu disse à Mãe –, cada placa de cortiça é quase um pouquinho maior do que a Régua.

– Que tonta – disse ela, dando um tapa na cabeça. – Acho que elas têm um pé quadrado, devo ter feito a régua um pouquinho curta demais. Então, vamos só contar as placas, é mais fácil.

Comecei a contar o alto da Parede da Cama, mas a Mãe disse que todas as paredes são iguais. Outra regra é que o largo das paredes é igual ao largo do Piso; contei onze pés indo nas duas direções, o que significa que o Piso é um quadrado. A Mesa é um círculo, por isso fiquei confuso, mas a Mãe mediu o meio dela, onde ela é mais larga, e deu três pés e nove polegadas. Minha cadeira tem três pés e duas polegadas de altura e a da Mãe é igualzinha, quer dizer, uma polegada menos do que eu. Depois, a Mãe ficou meio enjoada de medir e nós paramos.

Colori tudo diferente atrás dos números com os nossos cinco lápis de cor, que são azul, laranja, verde, vermelho e marrom, e quando acabei tudo

a página parecia o Tapete, só que mais maluca, e a Mãe perguntou por que não a uso como minha bandeja no jantar.

Esta noite escolhi espaguete, e tinha também brócolis frescos, que eu não escolhi, mas é que eles fazem bem pra gente. Cortei os brócolis em pedaços com a Faca de Zigue-Zague e de vez em quando engolia um, quando a Mãe não estava olhando, e ela dizia “Ah, não, onde foi parar aquele pedaço grande?”, mas não estava zangada de verdade, porque as coisas cruas deixam a gente supervivo.

A Mãe esquenta as coisas nos dois queimadores do Fogão, que ficam vermelhos; eu não tenho licença para mexer nos botões, porque é tarefa da Mãe garantir que nunca haja um incêndio como na TV. Se um dia os queimadores encostassem numa coisa como um pano de prato ou até a nossa roupa, as chamas iam correr por toda parte com línguas cor de laranja e queimar o Quarto até ele virar cinza, com a gente tossindo e engasgando e gritando, com a pior dor do mundo.

Não gosto do cheiro de brócolis cozinhando, mas não é tão ruim quanto vagem. Os legumes e verduras são reais, mas sorvete é da televisão, eu queria que também fosse de verdade.

– A Planta é uma coisa crua?

– Bem, é, mas não do tipo que se come.

– Por que ela não tem mais flor?

A Mãe deu de ombros e mexeu o espaguete.

– Ela ficou cansada.

– Devia ir dormir.

– Ela vai continuar cansada quando acordar. Talvez já não haja comida suficiente na terra do vaso dela.

– Ela podia comer os meus brócolis.

A Mãe riu.

– Não é esse tipo de comida, é comida de planta.

– A gente podia pedir, como presente de domingo.

– Já tenho uma longa lista de coisas pra pedir.

– Onde?

– Só na minha cabeça – ela respondeu. Puxou uma minhoca de espaguete e deu uma mordida. – Acho que elas gostam de peixe.

– Quem?

– As plantas, elas gostam de peixe podre. Ou será que é de espinhas de peixe?

– Eca!

– Quem sabe, da próxima vez que comermos palitinhos de peixe, posamos enterrar um pedaço embaixo da Planta.

– Dos meus não.

– Está bem, um pedaço de um dos meus.

O porquê eu gosto mais que tudo de espaguete é a musiquinha da al-môndega, que eu cantei enquanto a Mãe enchia os nossos pratos.

Depois do jantar, uma coisa incrível: fizemos um bolo de aniversário. Eu podia apostar que ia ficar *una delicia*, com velas do mesmo número que eu e acesas, como eu nunca vi de verdade.

Sou o melhor furador de ovos que existe, faço a gosminha derramar sem parar. Tive que furar três para o bolo e usei a tachinha do quadro *Impressão: nascer do sol*, porque acho que o cavalo maluco ia ficar zangado se eu descesse *Guernica*, mesmo eu sempre botando a tachinha de volta logo depois. A Mãe acha que *Guernica* é a melhor obra-prima, porque é a mais real, mas na verdade ela é toda bagunçada, o cavalo fica berrando com uma porção de dentes, porque tem uma lança cravada nele, e depois tem um touro e uma mulher segurando uma criança molenga com a cabeça virada ao contrário, e uma lâmpada que parece um olho, e o pior é aquele pezão grande no canto, que eu sempre acho que vai me pisotear.

Lambi a colher e a Mãe pôs o bolo na barriga quente do Fogão. Tentei fazer malabarismo com todas as cascas de ovo ao mesmo tempo. A Mãe pegou uma delas.

– Quer uns Jacks com carinhas?

– Naaah – respondi.

– Vamos fazer um ninho de massa de farinha para elas? Se amanhã nós descongelarmos a beterraba, podemos usar o sumo para fazer o ninho ficar roxo...

Abanei a cabeça.

– Vamos juntar essas à Cobra de Ovos.

A Cobra de Ovos é mais maior de comprida que tudo no Quarto; nós fazemos ela desde que eu tinha três anos, ela mora no Embaixo da Cama, toda enroscada, para cuidar da nossa segurança. Quase todos os ovos dela são marrons, mas de vez em quando tem um branco; alguns têm desenhos feitos a lápis ou lápis de cera ou Caneta, ou pedacinhos grudados com cola de farinha, uma coroa de papel-alumínio e um cinto de fita amarela, e fiapos de linha e pedaços de tecido pra fazer o cabelo. A língua dela é uma agulha que prende a linha vermelha que passa por ela toda. Já não tiramos muito a Cobra de Ovos do lugar, porque às vezes ela se enrosca e os ovos racham em volta dos buraquinhos, ou até caem, e aí temos que usar os pedaços em mosaicos. Hoje eu enfiei a agulha num dos buracos dos ovos novos, tive que balançar até ela sair toda afiada pelo outro buraco, é complicado à beça. Agora ela está três ovos mais comprida e eu a enrolei de novo com supergentileza, pra ela caber toda no Embaixo da Cama.

A espera pelo meu bolo levou horas e horas, ficamos respirando o ar delicioso. Depois, enquanto ele esfriava, fizemos uma coisa chamada glacê, mas que não tem nada a ver com frio glacial, é açúcar derretido com água. A Mãe o espalhou por cima de todo o bolo.

– Agora você pode pôr os chocolates enquanto eu lavo a louça.

– Mas não tem nenhum.

– Arrá! – disse ela, levantando o saquinho e chacoalhando, *choct choct*.

– Guardei alguns do presente de domingo de três semanas atrás.

– Sua Mãe sem-vergonha! Onde?

Ela fechou o zíper da boca.

– E se eu precisar de um esconderijo em outra ocasião?

– Me diz!

A Mãe parou de sorrir.

– Gritaria machuca os meus ouvidos.

– Me fala do escondijo.

– Jack...

– Não gosto que tenha escondijos.

– Qual é o problema?

– Zumbis.

– Ah.

– Ou senão ogros, ou vampiros...

Ela abriu o Armário e tirou a caixa de arroz. Apontou para o buraco escuro.

– Foi só aqui com o arroz que eu os escondi. Está bem?

– Está bem.

– Nada de assustador caberia aí. Você pode verificar quando quiser.

Tinha cinco chocolates no saquinho, rosa, azul, verde e dois vermelhos. Saiu um pouco da cor nos meus dedos quando pus eles no lugar; eu me sujei de glacê e lambi todos os pedacinhos.

Aí chegou a hora das velas, mas não tinha nenhuma.

– Você está gritando de novo – disse a Mãe, tapando os ouvidos.

– Mas você disse bolo de aniversário, não é bolo de aniversário se não tem cinco velas acesas.

Ela bufou.

– Eu devia ter explicado melhor. É isso que os chocolates dizem, eles dizem que você está fazendo cinco anos.

– Não quero esse bolo – falei. Detesto quando a Mãe fica esperando, toda quieta. – Porcaria de bolo.

– Acalme-se, Jack.

– Você devia ter pedido velas de presente de domingo.

– Bem, na semana passada nós precisávamos de analgésicos.

– Eu não precisava de nada, só você – gritei.

A Mãe me olhou como se eu tivesse um rosto novo, que ela nunca tinha visto. Depois disse:

– De qualquer jeito, lembre-se, nós temos de escolher coisas que ele possa arranjar com facilidade.

– Mas ele pode arranjar qualquer coisa.

– Bem, é, se ele se desse o trabalho...

– Por que ele se dá pro trabalho?

– Só estou querendo dizer que talvez ele tivesse que ir a duas ou três lojas, e que isso o deixaria de mau humor. E, se ele não encontrasse a coisa impossível, provavelmente não ganharíamos nenhum presente de domingo.

– Mas, Mãe – eu ri –, ele não vai a lojas. Loja é coisa da televisão.

Ela mordeu o lábio. Depois, olhou para o bolo.

– Bem, enfim, sinto muito. Achei que os chocolates funcionariam.

– Mãe bobinha.

– Pateta – ela disse, dando um tapa na cabeça.

– Anta – falei, mas não de um jeito malvado. – Na semana que vem, quando eu fizer seis anos, é melhor você arranjar velas.

– No ano que vem – corrigiu a Mãe –, você quer dizer no ano que vem.

Ela ficou com os olhos fechados. Eles sempre fazem isso, às vezes, e ela passa um minuto sem dizer nada. Quando eu era pequeno, achava que a pilha dela tinha acabado, como aconteceu uma vez com o Relógio, e tivemos que pedir uma pilha nova a ele, de presente de domingo.

– Promete?

– Prometo – ela disse, abrindo os olhos.

Cortou um pedaço supergrandão para mim e eu afanei os cinco chocolates quando ela não estava olhando, os dois vermelhos, o rosa, o verde e o azul, e ela disse:

– Ah, não, mais um foi afanado, como foi que isso aconteceu?

– Agora você jamais saberá, ha ha ha – eu disse, falando igual ao Raposo quando ele rouba coisas da Dora. Peguei um dos vermelhos e o zuni na boca da Mãe, e ela o passou para os dentes da frente, que estão menos estragados, e ficou mordiscando e sorrindo.

– Olha – mostrei –, tem buracos no meu bolo, onde estavam os chocolates até agora há pouco.

– Como crateras – ela disse, e pôs a ponta do dedo numa.

– O que são crateras?

– São buracos onde aconteceu alguma coisa. Como um vulcão, ou uma explosão, ou coisa assim.

Repus o chocolate verde em sua cratera e contei dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um, *bum!* Ele voou para o Espaço Sideral e deu a volta para a minha boca. Meu bolo de aniversário foi a melhor coisa que eu já comi.

A Mãe não estava com fome dele nessa hora. A Claraboia estava sugando toda a luz, estava quase preta.

– É o equinócio de primavera – disse a Mãe. – Eu me lembro de terem dito isso na televisão, na manhã em que você nasceu. Também ainda havia neve naquele ano.

– O que é equinócio?

– Quer dizer igual, é quando existe a mesma quantidade de escuridão e de luz.

Era tarde demais para a TV por causa do bolo, o Relógio dizia 8:33. Meu moletom amarelo de capuz quase me arrancou a cabeça quando a Mãe puxou. Vesti minha camiseta de dormir e escovei os dentes, enquanto a Mãe amarrou o saco de lixo e botou do lado da Porta, com a nossa lista que eu escrevi, hoje ela diz: “Por favor, macarrão, lentilha, atum, queijo (se não for muito \$), suco de laranja. Obrigado”.

– Podemos pedir uva? Faz bem pra gente.

No fim da página, a Mãe escreveu: “Uvas, se poss. (ou qualquer fruta fresca ou enlatada)”.

– Me conta uma história?

– Só uma rapidinha. Que tal... *João Biscoito*?

Ela contou a história depressa e engraçada mesmo: o João Biscoito pula do fogão e sai correndo e rolando e rolando e correndo, e ninguém consegue alcançá-lo, nem a velhinha, nem o velhinho, nem os debulhadores, nem os lavradores. Mas no fim ele é um idiota, deixa a raposa carregar ele pro outro lado do rio e é devorado, *nhac*.

Se eu fosse feito de bolo, eu me comia antes que alguém mais pudesse comer.

Fizemos uma oração ligeirinha, que é juntar as mãos e fechar os olhos. Rezei para João Batista e o Menino Jesus aparecerem para brincar com a Dora e o Botas. A Mãe rezou para o sol derreter a neve da Claraboia.

– Posso tomar um pouco?

– De manhã cedinho – disse a Mãe, puxando a camiseta pra baixo.

– Não, hoje.

Ela apontou para o Relógio, que dizia 8:57, faltavam só três minutos para as nove. Assim, corri para dentro do Guarda-Roupa e deitei no meu travesseiro e me enrolei no Cobertor, que é todo cinza e lanudo, com de-

brum vermelho. Fiquei bem embaixo do desenho de mim, que eu tinha esquecido que estava lá. A Mãe pôs a cabeça dentro do Guarda-Roupa:

– Três beijos?

– Não, cinco para o sr. Cinco Anos.

Ela me deu os cinco, depois fechou as portas, rangendo.

Continuou a entrar luz pelas tabuinhas e por isso pude ver um pouco de mim no desenho, os pedaços que parecem com a Mãe e o nariz que só parece comigo. Alisei o papel, é todo sedoso. Fiquei reto, com a cabeça fazendo pressão no Guarda-Roupa e os pés também. Ouvi a Mãe vestir a camiseta de dormir e tomar os mata-dores, sempre dois por noite, porque ela diz que a dor é que nem água, se espalha assim que ela deita. Cuspiu a pasta de dentes.

– O nosso amigo Zé tem coceira no pé – ela disse.

Pensei em outra.

– O nosso amigo Zá diz blá-blá-blá.

– O nosso amigo Ebenezer mora num freezer.

– A nossa amiga Doris foi embor-is.

– Essa rima é tapeação – disse a Mãe.

– Puxa vida! – gemi igual ao Raposo. – O nosso amigo Menino Jesus... gosta de comer cuscuz.

– A nossa amiga Colher cantou pra lua uma canção de mulher.

A lua é o rosto prateado de Deus, que só aparece em ocasiões especiais.

Sentei e encostei o rosto nas tabuinhas, e pude ver fatias da TV desligada, do Vaso Sanitário, da Banheira, do meu desenho do polvo azul que está ficando ondulado, da Mãe guardando nossa roupa na Cômoda.

– Mãe?

– Hmmm?

– Por que eu fico no escondijo feito os chocolates?

Acho que ela estava sentada na cama. Falou tão baixo que mal pude ouvir.

– Só não quero que ele olhe para você. Mesmo quando você era bebê, sempre o enrolei no Cobertor antes de ele chegar.

– Ia machucar?

– O que ia machucar?

- Se ele me visse.
- Não, não. Agora, vá dormir – a Mãe disse.
- Faz os Percevejos.
- Boa noite, durma bem, não deixe os percevejos picarem ninguém.

Os Percevejos são invisíveis, mas eu converso com eles e às vezes os conto, da última vez cheguei a trezentos e quarenta e sete. Ouvi o estalido do interruptor e o Abajur apagou, tudo no mesmo segundo. Sons da Mãe entrando embaixo do Edredom.

Eu vi o Velho Nick pelas tabuinhas umas noites, mas nunca ele todo de perto. O cabelo dele tem um pouco de branco e é menor que as orelhas. Vai ver que os olhos dele iam me fazer virar pedra. Os zumbis mordem as crianças pra elas virarem mortas-vivas, os vampiros sugam até elas ficarem molengas, os ogros penduram elas pelas pernas e devoram. Os gigantes podem ser igualmente malvados, *Esteja ele vivo ou não, moerei seus ossos pra fazer meu pão*, mas o João fugiu com a galinha dos ovos de ouro e desceu escorregando pelo Pé de Feijão, rapidinho, rapidinho. O Gigante foi descendo atrás, mas o João gritou para a Mãe dele trazer o machado, que é igual às nossas facas, só que maior, e a Mãe ficou com muito medo de derrubar o Pé de Feijão sozinha, mas, quando o João chegou ao chão, eles o derrubaram juntos, e o Gigante se espatifou com todas as entranhas saindo, ha ha ha. Aí o João virou Joãozinho, o Matador de Gigantes, feito eu.

Fiquei pensando se a Mãe já tinha desligado.

No Guarda-Roupa, sempre tento espremer os olhos com força e desligar depressa, para não ouvir o Velho Nick chegar, e depois acordo e é de manhã e estou na Cama com a Mãe, tomando um pouco, e está tudo legal. Mas nessa noite continuei ligado, com o bolo chiando na minha barriga. Conteí os dentes de cima com a língua, da direita para a esquerda, até dez, depois os de baixo, da esquerda para a direita, e depois voltei no sentido inverso, tenho que chegar a dez todas as vezes e duas vezes dez são vinte, é esse o número que eu tenho.

Não houve *bipe bipe*, devia passar muito das nove. Conteí meus dentes de novo e cheguei a dezenove; devo ter errado, ou então um deles sumiu. Roí o dedo só um pouquinho, e depois mais um pouco. Esperei horas.

– Mãe? – murmurei. – Ele não vem ou vem?

– Parece que não. Venha para cá.

Dei um pulo e abri o Guarda-Roupa com um safanão, em dois segundos estava na Cama. Estava superquente embaixo do Edredom, tive que pôr os pés pra fora para eles não queimarem. Tomei um montão, primeiro do esquerdo, depois do direito. Não queria dormir, porque aí não seria mais meu aniversário.



Tinha uma luz piscando em mim, fazendo meus olhos doerem. Olhei para fora do Edredom, mas espremendo os olhos. A Mãe estava parada do lado do Abajur com tudo claro, aí, *pimba*, escuro outra vez. Luz de novo, que ela deixava durar três segundos, depois escuridão, depois luz, só por um segundo. A Mãe olhava para a Claraboia. Escuro de novo. Ela faz isso de madrugada, acho que a ajuda a voltar a dormir.

Esprei o Abajur apagar direito. Cochichei no escuro:

– Acabou?

– Desculpe ter acordado você – ela disse.

– Tudo bem.

Ela voltou para a Cama, mais fria do que eu, e pus os braços em volta do meio dela.



Agora tenho cinco anos e um dia.

O Pênis bobo está sempre em pé de manhã, eu empurro ele pra baixo.

Quando estávamos lavando as mãos depois do xixi, cantei “He’s Got the Whole World in His Hands”, depois não consegui pensar em outra que falasse de mãos, a não ser a dos passarinhos, mas essa é sobre os dedos.

“Voe, voe, Pedro,

Voe, voe, Paulo.”

Meus dois dedos zuniram por todo o Quarto e quase tiveram uma colisão em pleno ar.

“Volte aqui, Pedro,
Volte aqui, Paulo.”

– Acho que eles são anjos, na verdade – disse a Mãe.

– Hã?

– Ou, não, desculpe, santos.

– O que são santos?

– Pessoas supersagradas. Como anjos sem asas.

Fiquei confuso.

– Então, como é que eles podem sair voando do muro?

– Não, isso são os passarinhos, eles podem mesmo voar. Eu só quis dizer que os nomes deles são inspirados em São Pedro e São Paulo, dois amigos do Menino Jesus.

Eu não sabia que ele tinha mais amigos, depois do João Batista.

– Aliás, São Pedro esteve na prisão, uma vez...

Eu ri.

– Os bebês não vão pra cadeia.

– Isso aconteceu quando eles todos eram adultos.

Eu não sabia que o Menino Jesus crescia.

– São Pedro é bandido?

– Não, não, ele foi posto na cadeia por engano, quer dizer, foi um policial malvado que o pôs lá. Enfim, ele rezou e rezou para sair, e sabe o que aconteceu? Um anjo desceu voando e abriu a porta com um golpe.

– Legal – comentei, mas prefiro quando eles são bebês, correndo juntos, todos nus.

Houve um som engraçado de batida e um *ract, ract*. Estava entrando luz na Claraboia, a neve escura tinha quase sumido. A Mãe também olhou para cima com um sorrisinho, acho que a oração fez mágica.

– Ainda é aquele negócio dos iguais?

– Ah, o equinócio? – disse ela. – Não, a luz está começando a levar a melhor, um pouquinho.

Ela me deixou comer bolo no café da manhã, o que eu nunca tinha feito. Ficou meio crocante, mas continua bom.

Na televisão veio o *Super Fofos!*, muito cheio de chuva; a Mãe ficou mexendo o Coelho, mas ele não deu muito mais nitidez. Fiz um laço na sua orelha de arame com a fita roxa. Queria que fosse o *Backyardigans*, faz séculos que não encontro com eles. O presente de domingo não veio, porque ontem o Velho Nick não apareceu, o que, aliás, foi a melhor parte do meu aniversário. O que nós tínhamos pedido não era mesmo muito empolgante, foi uma calça nova, porque a minha calça preta tem buracos em vez de joelhos. Não me incomodo com os buracos, mas a Mãe diz que eles me fazem parecer um sem-teto, e não consegui explicar o que é isso.

Depois do banho, fui brincar com a roupa. Hoje a saia rosa da Mãe virou uma cobra e teve uma briga com a minha meia branca.

– Eu sou a melhor amiga do Jack.

– Não, sou eu a melhor amiga do Jack.

– Eu bati em você.

– Eu dei uma surra em você.

– Vou socar você com a minha bomba atiradora voadora.

– Ah, é?, pois eu tenho um transformer exterminador megatrônico supergigante...

– Ei – disse a Mãe –, vamos jogar Pegue a Bola?

– Não temos mais a Bola de Praia – lembrei. Ela estourou sem querer quando a chutei no Armário com supervelocidade. Eu queria pedir outra, em vez da idiota da calça.

Mas a Mãe disse que podíamos fazer uma, então amassamos todas as páginas em que eu tinha feito exercícios de escrever e enchemos uma sacola de compras, e esprememos até ela ficar com uma espécie de formato de bola, depois desenhamos nela uma cara de assustar, com três olhos. A Bola de Palavras não sobe tão alto quanto a Bola de Praia, mas toda vez que a gente a agarra ela faz um *crec* alto. A Mãe é melhor pra agarrar, só que às vezes a bola bate no pulso ruim dela, e eu sou melhor pra arremessar.

Por causa do bolo no café da manhã, comemos panquecas de domingo no almoço. Não tinha sobrado muita massa pronta, por isso elas ficaram finas, daquelas espalhadas; eu gosto delas assim, porque posso dobrar e algumas quebram. Não tem muita geleia, então também misturamos água nela.

Um canto da minha pingou e a Mãe limpou o Piso com a Esponja.

– A cortiça está se desgastando – ela disse, trincando os dentes –, como é que vamos mantê-la limpa?

– Onde?

– Aqui, onde nossos pés fazem atrito.

Desci para baixo da Mesa e tinha um buraco no Piso, com um treco marrom por baixo que ficou mais duro na minha unha.

– Não piore as coisas, Jack.

– Não estou piorando, só estou olhando com o dedo – falei. Parecia uma craterinha.

Afastamos a Mesa para o lado da Banheira, pra poder tomar banho de sol no Tapete bem embaixo da Claraboia, onde é superquente. Cantei “Ain’t No Sunshine”, a Mãe emendou com “Here Comes the Sun” e eu escolhi “You Are My Sunshine”. Depois eu quis tomar um pouco, o esquerdo estava supercremoso hoje.

O rosto amarelo de Deus faz ficar vermelho por baixo das minhas pálpebras. Quando abri os olhos, tinha brilho demais pra olhar. Meus dedos fizeram sombras no Tapete, umas sombrinhas espremidas.

A Mãe cochilou.

Ouvi um som e me levantei sem ela acordar. Perto do Fogão, um sonzinho de raspa raspa.

Uma coisa viva, um bicho real de verdade, não da TV. Estava no Piso comendo alguma coisa, talvez uma migalha de panqueca. Tinha cauda, acho que o que ele é é um camundongo.

Cheguei mais perto e *zum*, ele foi pra baixo do Fogão e quase não vi; eu nunca sube que uma coisa podia ser tão veloz.

– Ô, Camundongo – cochichei, pra ele não se assustar. É assim que se fala com um camundongo, está na *Alice*, só que ela fala sem querer da sua gata Dinah, e o camundongo fica nervoso e sai nadando. Juntei as mãos em prece:

– Ô, Camundongo, volta, por favor, por favor, por favor...

Passei horas esperando, mas ele não veio.

A Mãe estava decididamente dormindo.

Abri a Geladeira, não tinha muita coisa dentro. Camundongo gosta de queijo, mas não havia sobrado nenhum. Peguei o pão e esfarelei umas migalhas num prato e botei onde estava o Camundongo. Fiquei bem agachadinho e esperei mais horas e horas.

Depois, veio a coisa mais maravilhosa. O Camundongo pôs o focinho pra fora, era pontudo. Quase dei um pulo, mas não dei, fiquei superquieto. Ele chegou perto das migalhas e farejou. Eu só estava a uns dois pés de distância, queria ter a Régua para medir, mas ela estava guardada na Caixa no Embaixo da Cama e eu não quis me mexer e assustar o Camundongo. Olhei as mãos dele, os bigodes, a cauda toda enroscada. Ele estava vivo de verdade, era a maior coisa viva que eu já vi, milhões de vezes maior do que as formigas ou a Aranha.

Aí uma coisa bateu forte no Fogão, *pou!* Dei um grito e pisei no prato sem querer, e o Camundongo sumiu, pra onde ele foi? Será que o livro quebrou ele? Era o *Aeroporto de armar*; olhei todas as páginas, mas ele não estava. O Setor de Bagagem rasgou todo e não fica mais em pé.

A Mãe mostrou uma cara esquisita.

– Você fez ele ir embora! – gritei.

Ela estava com a Escova e a Pá, varrendo os cacos quebrados do prato.

– O que isso estava fazendo no chão? Agora estamos reduzidos a dois pratos grandes e um pequeno, e é só...

A cozinheira da *Alice* atira pratos no bebê e uma panela que quase arranca o nariz dele.

– O Camundongo estava gostando das migalhas.

– Jack!

– Ele era real, eu vi.

A Mãe arrastou o Fogão, tinha uma frestinha na base da Parede da Porta, e ela pegou o rolo de papel-alumínio e começou a enfiar bolas dele na fenda.

– Não. Por favor.

– Desculpe, mas onde há um, há dez.

Isso era uma matemática maluca.

A Mãe largou o papel-alumínio e me segurou com força pelos ombros.

– Se o deixarmos ficar, logo estaremos infestados de filhotes dele. Roubando a nossa comida, trazendo micróbios nas patas imundas...

– Eles podem ficar com a minha comida, não estou com fome.

A Mãe não estava escutando. Empurrou o Fogão de volta para a Parede da Porta.

Depois, usamos um pedacinho de fita adesiva para fazer a página do Hangar ficar em pé melhor no *Aeroporto de armar*, mas o Setor de Bagagem rasgou demais pra ser consertado.

Sentamos enroscados na Cadeira de Balanço e a Mãe leu *Dylan, o escavador* pra mim três vezes, o que significa que ela sente muito.

– Vamos pedir um livro novo de presente de domingo – eu disse.

Ela torceu a boca.

– Eu pedi, semanas atrás; queria que você ganhasse um de aniversário. Mas ele disse para eu parar de chateá-lo, já não temos uma prateleira inteira?

Olhei por cima da cabeça dela para a Prateleira, onde dava pra caber mais centenas de livros, se a gente botasse algumas das outras coisas no Embaixo da Cama, do lado da Cobra de Ovos. Ou em cima do Guarda-Roupa... mas é lá que moram o Forte e o Labirinto. É complicado descobrir onde é a casa de tudo, às vezes a Mãe diz que temos que jogar coisas no lixo, mas em geral eu acho um cantinho pra elas.

– Ele acha que deveríamos apenas assistir à televisão, o tempo todo.

Parece divertido.

– Aí o nosso cérebro apodreceria, como o dele – continuou a Mãe. Ela se inclinou para apanhar o *Meu grande livro de rimas infantis*. Leu pra mim uma que escolhi em cada página. As minhas melhores são as dos Jacks, como “Jack Sprat” ou “Little Jack Horner”.

“Jack, seja esperto,

Jack, seja ligeiro,

Jack, pule por cima do candeeiro.”

Acho que ele queria ver se conseguia não queimar o camisolão. Na televisão eles não usam isso, usam pijama, ou senão camisola pras meninas. Minha camiseta de dormir é a minha maior, e tem um buraco no ombro

onde eu gosto de enfiar o dedo e fazer cócegas em mim quando estou desligando. Tem o “Jackie Wackie Pudding and Pie”, mas, quando aprendi a ler, vi que era mesmo “Georgie Porgie”. A Mãe mudou o nome pra combinar comigo; isso não é mentir, é só fingir. Também foi assim com

“Jack, Jack, o filho do flautista,
Roubou um porco e fugiu pela pista.”

Na verdade, o livro diz Tom, mas Jack soa melhor. Roubar é quando um menino tira o que pertence a outro menino, porque nos livros e na televisão todas as pessoas têm coisas que são só delas, é complicado.

Eram 5:39, então a gente podia jantar, foi macarrão instantâneo. Enquanto ele estava na água quente, a Mãe achou palavras difíceis na embalagem do leite para me testar, como *nutritivo*, que quer dizer comida, e *pasteurizado*, que quer dizer que pistolas a laser destruíram os micróbios. Eu queria mais bolo, mas a Mãe disse que primeiro era a beterraba picada, toda suculenta. Depois comi bolo, que agora está bem crocante, e a Mãe também comeu um pouquinho.

Subi na Cadeira de Balanço para pegar a Caixa de Jogos no fim da Prateleira; esta noite escolhi Damas e vou ser as vermelhas. As peças parecem chocalatinhos, mas já lambi todas uma porção de vezes e elas não têm gosto de nada. Grudam no tabuleiro por magia magnética. A Mãe gosta mais de Xadrez, mas ele faz minha cabeça doer.

Na hora da televisão, ela escolheu o planeta dos animais selvagens e tinha tartarugas enterrando ovos na areia. Quando a Alice estica, por comer o cogumelo, a pomba se zanga, porque acha que a Alice é uma cobra malvada tentando comer os seus ovos de pomba. Lá vêm os filhotes de tartaruga saindo da casca, mas as mães tartarugas já foram embora, é esquisito. Fico pensando se um dia eles se encontram no mar, as mães e os filhotes, se eles se reconhecem, ou vai ver que só passam nadando uns pelos outros.

A vida selvagem acabou muito depressa, por isso mudei para dois homens só de shorts e tênis e pingando de suor.

– Opa, bater não pode – eu disse a eles. – O Menino Jesus vai ficar zangado.

O de shorts amarelo socou o cabeludo no olho.

A Mãe gemeu como se estivesse com dor.

– Nós temos que ver isso? – perguntou.

Eu disse a ela:

– Daqui a um minuto a polícia vai chegar, *iiiiá iiiá*, e trancar esses bandidos na cadeia.

– Na verdade, o boxe... é um horror, mas é um esporte, é meio que permitido, se eles usarem essas luvas especiais. Agora, acabou-se o tempo.

– Um jogo do Papagaio, que é bom pro vocabulário.

– Está bem.

Ela se levantou e trocou para o planeta do sofá vermelho, onde a mulher de cabelo estufado que é a dona faz perguntas a outras pessoas e centenas de outras pessoas batem palmas.

Escutei com superatenção; ela estava falando com um homem de uma perna só, acho que ele perdeu a outra numa guerra.

– Papagaio! – a Mãe gritou e apertou o botão pra eles ficarem mudos.

– “O aspecto mais pungente para todos os nossos telespectadores, eu acho, é o que há de mais profundamente comovente no que você suportou...” – acabaram-se as minhas palavras.

– Boa pronúncia – disse a Mãe. – *Pungente* significa triste.

– De novo.

– O mesmo programa?

– Não, outro diferente.

Ela achou um noticiário, que era ainda mais difícil.

– Papagaio! – e tornou a tirar o som.

– “Ah, com todo esse debate sobre a rotulação trabalhista vindo logo depois da reforma da assistência médica, e tendo em mente, é claro, as eleições municipais...”

– Mais alguma? – fez a Mãe, e esperou. – Foi ótimo de novo. Mas era *legislação trabalhista*, não *rotulação trabalhista*.

– Qual é a diferença?

– *Rotular* é pôr etiquetas em tomates, digamos, e *legislação trabalhista*...

Dei um grande bocejo.

– Deixe pra lá – a Mãe sorriu e desligou a TV.

Detesto quando as imagens somem e a tela fica só cinza de novo. Sempre tenho vontade de chorar, mas só por um segundo.

Sentei no colo da Mãe na Cadeira de Balanço, com nossas pernas todas misturadas. Ela é o mágico transformado numa lula gigante e eu sou o Príncipe SuperJack, e no fim eu fujo. Brincamos de cócegas e Pula Pula e de sombras pontudas na Parede da Cama.

Aí eu pedi o Coelho SuperJack, que vive pregando peças espertas na Raposa Brer. Ele deita na estrada, bancando o morto, e a Raposa Brer o cheira e diz: “É melhor eu não o levar para casa, ele está fedido demais...” A Mãe me cheira todo e faz caras horrorosas e eu tento não rir, pra Raposa Brer não saber que estou vivo de verdade, mas eu sempre dou risada.

De música, pedi uma engraçada, e ela começou:

– Os vermes rastejam pra dentro, os vermes rastejam pra fora...

– Comem suas tripas feito chucrute... – cantei.

– Comem seus olhos, comem seu nariz...

– Comem a sujeira entre seus dedos dos pés...

Na Cama eu tomei um montão, mas minha boca estava com sono. A Mãe me carregou para o Guarda-Roupa, prendeu o Cobertor em volta do meu pescoço e eu o afrouxei de novo. Meus dedos fizeram trezininho *piuí* no debrum vermelho.

Bipe bipe, fez a Porta. A Mãe deu um pulo e fez um som, acho que bateu a cabeça. Fechou bem o Guarda-Roupa.

O ar que entrou foi gelado, acho que é um pedaço do Espaço Sideral, tem um cheiro gostoso. A porta fez seu *tum*, que significa que agora o Velho Nick está aqui dentro. Meu sono passou. Fiquei de joelhos e espiei pelas tabuinhas, mas só consegui ver a Cômoda e a Banheira e uma curva da Mesa.

– Parece saboroso. – A voz do Velho Nick é ultragrave.

– Ah, é só o finzinho do bolo de aniversário – disse a Mãe.

– Você devia ter me lembrado, eu podia ter trazido alguma coisa pra ele. Agora ele está com quantos anos, quatro?

Esperei a Mãe dizer, mas ela não disse.

– Cinco – cochichei.

Mas ela deve ter me ouvido, porque chegou perto do Guarda-Roupa e disse “Jack” com a voz zangada.

O Velho Nick riu, eu não sabia que ele era capaz.

– Isso fala.

Por que ele disse *isso*, e não *ele*?

– Quer sair daí e experimentar suas calças jeans novas?

Não foi para a Mãe que ele disse isso, foi pra mim. Meu peito começou a fazer *tum tum tum*.

– Ele está quase dormindo – a Mãe falou.

Não estou, não. Eu queria não ter cochichado *cinco* pra ele me ouvir, queria não ter feito nada.

Teve mais alguma coisa que não consegui ouvir direito...

– Está bem, está bem – disse o Velho Nick. – Posso comer uma fatia?

– Está ficando seco. Se você quer mesmo...

– Não, esqueça, você é quem manda.

A Mãe não disse nada.

– Eu sou apenas o garoto da mercearia, levo o seu lixo, fico percorrendo as alas de roupas infantis, subo na escada para tirar o gelo da sua claboia, às suas ordens, madame...

Acho que ele estava fazendo sarcasmo quando falou tudo ao contrário, com uma voz toda torta.

– Obrigada por ter feito isso – disse a Mãe, que não parecia ela falando. – Ficou muito mais claro.

– Pronto, não doeu, não é?

– Desculpe. Muito obrigada.

– Às vezes é como arrancar um dente – disse o Velho Nick.

– E obrigada pelas compras e pelos jeans.

– De nada.

– Tome, vou buscar um prato, pode ser que o meio não esteja muito ruim.

Houve uns sons tilintantes, acho que ela deu bolo pra ele. O meu bolo. Depois de um minuto, ele falou engrolado:

– É, tá bem seco.

Estava com a boca cheia do meu bolo.

O Abajur apagou, *clique*, isso fez eu me assustar. Não me incomodo com o escuro, mas não gosto quando ele me pega de surpresa. Deitei embaixo do Cobertor e esperei.

Quando o Velho Nick fez a Cama ranger, escutei e contei de cinco em cinco nos dedos, hoje foram duzentos e dezessete rangidos. Sempre tenho de contar até ele fazer aquele som engasgado e parar. Não sei o que podia acontecer se eu não contasse, porque sempre conto.

E nas noites que estou dormindo?

Não sei, vai ver que a Mãe faz as contas.

Depois de duzentos e dezessete, ficou tudo quieto.

Ouvi a televisão ligar, era só o planeta das notícias, vi pelas tabuinhas uns pedaços com tanques que não eram muito interessantes. Pus a cabeça embaixo do Cobertor. A Mãe e o Velho Nick ficaram conversando um pouco, mas não escutei.



Acordei na Cama e estava chovendo, é nessa hora que a Claraboia fica toda embaçada. A Mãe me deu um pouco e cantou bem baixinho “Singing in the Rain”.

O direito não estava gostoso. Sentei e me lembrei:

– Por que você não disse a ele antes que era meu aniversário?

A Mãe parou de sorrir.

– Você tem que estar dormindo quando ele vem aqui.

– Mas, se você tivesse falado pra ele, ele me trizeria alguma coisa.

– *Traria* alguma coisa para você. Isso é o que ele diz.

– Que tipo de alguma coisa? – esperei. – Você devia ter lembrado ele.

A Mãe espichou os braços acima da cabeça.

– Não quero que ele lhe traga coisas.

– Mas o presente de domingo...

– Isso é diferente, Jack. O que eu peço a ele são coisas de que precisamos. – Ela apontou para a Cômoda, onde tinha um azul dobrado. – A propósito, ali estão os seus jeans novos.

Ela foi fazer xixi.

– Você podia pedir a ele um presente pra mim. Nunca na vida ganhei um presente.

– O seu presente veio de mim, lembra? Foi o desenho.

– Não quero aquele desenho idiota – comecei a chorar.

A Mãe enxugou as mãos e veio me abraçar.

– Está tudo bem.

– Podia...

– Não consigo ouvi-lo. Respire fundo.

– Podia...

– Me diga qual é o problema.

– Podia ser um cachorro.

– O que podia?

Eu não conseguia parar, tive que falar no meio do choro:

– O presente. Podia ser um cachorro que virasse real, e a gente podia chamar ele de Sortudo.

A Mãe enxugou meus olhos com a palma das mãos.

– Você sabe que não temos espaço.

– Temos, sim.

– Cachorros precisam andar.

– Nós andamos.

– Mas um cachorro...

– Nós corremos um pedaço comprido na Pista, o Sortudo podia ir do nosso lado. Aposto que ele ia ser mais rápido que você.

– Jack, um cachorro nos levaria à loucura.

– Não levaria, não.

– Levaria, sim. Confinado, com os latidos, as coceiras...

– O Sortudo não ia se coçar.

A Mãe revirou os olhos. Foi até o Armário pegar o cereal e o derramou nas nossas tigelas sem nem contar.

Fiz uma cara de leão rugindo:

– De noite, quando você dormir, vou ficar acordado e vou tirar o papel-alumínio dos buracos pro Camundongo voltar.

- Não seja bobo.
- Não sou bobo, você é que é a anta boba.
- Escute, eu compreendo...
- O Camundongo e o Sortudo são meus amigos. – Comecei a chorar de novo.
- Não existe nenhum Sortudo – a Mãe falou com os dentes cerrados.
- Existe, sim, e eu adoro ele.
- Você acabou de inventá-lo.
- E também existe o Camundongo, que é meu amigo de verdade e que você fez sumir...
- É – gritou a Mãe –, para ele não passar por cima do seu rosto de noite e morder você.

Eu estava chorando tanto que a minha respiração ficou toda chiada. Eu nunca sube que o Camundongo ia morder meu rosto, pensava que eram só os vampiros.

A Mãe desabou no Edredom e não se mexeu.

Depois de um minuto, fui pro lado dela e me deitei. Levantei sua camiseta para tomar um pouco e tive que ficar parando para enxugar o nariz. O esquerdo estava bom, mas não tinha muita coisa.

Mais tarde, experimentei minhas calças novas. Elas ficaram caindo.

A Mãe puxou um fio que estava aparecendo.

- Não.

- Já estava solto. Porcaria barata de... – Ela não disse de quê.

- Brim – eu falei –, é disso que são os jeans. – Botei o fio de linha no Armário, na Caixa de Artes.

A Mãe pegou o Kit para costurar uns pontos na cintura, e aí meus jeans não caíram mais.

Nossa manhã foi muito ocupada. Primeiro desmanchamos o Navio Pirata que fizemos na semana passada e transformamos ele num Tanque. O motorista é o Balão, que antigamente era do tamanho da cabeça da Mãe e cor-de-rosa e gordo, mas agora é pequeno feito o meu punho, só que vermelho e enrugado. A gente só enche um balão quando é o primeiro dia do mês, por isso não dá pra fazer uma irmã para o Balão até chegar abril. A

Mãe também brincou com o Tanque, mas não por muito tempo. Ela enjoa depressa das coisas, é por ser adulta.

Segunda-feira é dia de lavar roupa, aí a gente entrou na Banheira com meias, roupas de baixo, minha calça cinza onde espirrou ketchup, os lençóis e panos de prato, e esprememos toda a sujeira até ela sair. A Mãe esquentou o Termostato bem alto pra secar, puxou o Secador do lado da Porta, botou ele aberto e disse pra ele ser forte. Eu queria muito montar nele como quando era pequeno, mas agora sou tão enorme que podia quebrar as costas dele. Seria legal às vezes ficar menor de novo e às vezes maior, que nem a Alice. Depois de torcer a água de tudo e pendurar a roupa, a Mãe e eu precisamos tirar a camiseta e quase entrar na Geladeira pra esfriar, uma vez ela, uma vez eu.

O almoço foi salada de feijão, meu segundo menos favorito. Todo dia, depois da sesta, a gente faz a Gritaria, menos sábado e domingo. A gente limpa a garganta e sobe na Mesa, pra ficar mais perto da Claraboia, de mãos dadas para não cair. Dizemos "A postos, preparar, vai!", aí escancaramos os dentes e gritamos berramos uivamos bradamos urramos guinchamos nos esgoelamos o mais alto possível. Hoje gritei mais alto que nunca, porque os meus pulmões estão espichando, por eu ter cinco anos.

Depois ficamos quietinhos, com um dedo na boca. Um dia eu perguntei à Mãe o que era que a gente tentava escutar, e ela disse que era por via das dúvidas, nunca se sabe.

Depois fiz decalques de um garfo e do Pente e de tampas de potes e dos lados dos meus jeans. O papel pautado é o mais liso pra decalcar, mas o papel higiênico é bom pra fazer desenhos que não acabam nunca, que nem hoje, quando eu me desenhei com um gato e um papagaio e um iguana e um guaxinim e Papai Noel e uma formiga e o Sortudo e todos os meus amigos da TV num cortejo, e eu era o Rei Jack. Depois de terminar, eu enrolo tudo de novo pra gente poder usar o papel no bumbum. Tirei um pedaço novo do rolo seguinte pra escrever uma carta para a Dora, tive de afiar o lápis vermelho com a Faca Lisa. Apertei o lápis com força, porque ele está tão curto que quase acabou; eu escrevo perfeitamente, só que às vezes as minhas letras ficam de trás pra frente. "Fiz cinco anos antes de ontem, você

pode comer o último pedacinho de bolo, mas não tem velas, tchau, com amor, Jack.” Só rasgou um pouquinho no *de*.

– Quando ela vai receber a carta?

– Bem – disse a Mãe –, imagino que a carta leve algumas horas para chegar ao mar, depois vai desaguar numa praia...

Ela falou engraçado, porque estava chupando um cubo de gelo por causa do Dente Ruim. As praias e o mar são da televisão, mas acho que, quando mandamos uma carta, ela faz eles virarem reais por um tempo. Os cocôs afundam e as cartas flutuam nas ondas.

– Quem vai encontrá-la? O Diego?

– É provável. E vai levá-la para sua prima Dora...

– No seu jipe de safári. *Vrum vrum* pela selva.

– Portanto, amanhã de manhã, eu diria. Na hora do almoço, no máximo. Agora o cubo de gelo estava fazendo um bolo menor no rosto da Mãe.

– Quer ver?

Ela mostrou o gelo na língua.

– Acho que também estou com um dente estragado.

– Ah, Jack – a Mãe gemeu.

– É mesmo, real de verdade. Ai, ai, ai.

O rosto dela mudou.

– Você pode chupar um cubo de gelo se quiser, não precisa estar com dor de dente.

– Legal.

– Não me assuste desse jeito.

Eu não sabia que podia assustá-la.

– Pode ser que doa quando eu tiver seis anos.

Ela bufou enquanto pegava os cubos no Freezer.

– A mentira tem pernas curtas.

Mas eu não estava mentindo, só fingindo.

Choveu a tarde inteira, Deus nem apareceu. Cantamos “Stormy Weather” e “It’s Raining Men” e aquela sobre o deserto que sente falta da chuva.

No jantar foram palitos de peixe com arroz e eu espremi o limão, que não é de verdade, mas de plástico. Uma vez a gente teve um limão de ver-

dade, mas ele murchou muito depressa. A Mãe pôs um pedaço do seu patito de peixe na terra embaixo da Planta.

O planeta dos desenhos não aparece de noite, vai ver é porque lá fica escuro e eles não têm lâmpada. Hoje escolhi um de culinária, mas não é que nem comida de verdade, eles nem têm nenhuma lata. O ele e a ela sorriram um pro outro e fizeram uma carne com uma torta por cima e umas coisas verdes em volta de outras coisas verdes em cachos. Depois mudei para o planeta da musculação, onde umas pessoas de roupa de baixo com uma porção de aparelhos têm que ficar repetindo as coisas sem parar, acho que estão trancadas lá dentro. Isso acabou logo e vieram os reformadores, que fazem as casas mudar de forma e também de milhões de cores com tinta, que eles não passam só num desenho, mas em tudo. Uma casa é como uma porção de Quartos grudados; as pessoas da televisão ficam quase sempre dentro delas, mas às vezes vão para o lado de fora e aí o clima acontece com elas.

– E se puséssemos a cama ali? – a Mãe perguntou.

Olhei para ela, depois para o lugar que ela estava apontando.

– Aquela é a Parede da TV.

– Isso é só como nós a chamamos, mas provavelmente a cama caberia ali, entre o vaso sanitário e... teríamos de afastar um pouquinho o guarda-roupa. Aí a cômoda ficaria aqui, em vez da cama, com a televisão em cima.

Abanei muito a cabeça.

– Aí a gente não ia poder ver.

– Poderíamos, estaríamos sentados bem aqui, na cadeira de balanço.

– Má ideia.

– Está bem, esqueça. – A Mãe cruzou os braços.

A mulher da televisão estava chorando porque a casa dela tinha ficado amarela.

– Ela gostava mais do marrom? – perguntei.

– Não – disse a Mãe –, ela está tão feliz que isso a faz chorar.

Era esquisito.

– Ela está tristealegre, como você quando tem música encantadora na televisão?

– Não, ela é só uma idiota. Agora vamos desligar a TV.

– Mais cinco minutos! Por favor.

Ela abanou a cabeça.

– Eu faço o Papagaio, estou ficando melhor ainda.

Ouvi com atenção a mulher da TV e disse:

– “Um sonho realizado, eu tenho que lhe dizer, Darren, isso vai além das minhas fantasias mais desvairadas, as sancas...”

A Mãe apertou o botão de desligar. Eu queria perguntar o que era um sancas, mas acho que ela ainda estava aborrecida com a mudança dos móveis, que era um plano maluco.

Dentro do Guarda-Roupa, eu devia estar indo dormir, mas fiquei contando brigas. Foram três que tivemos em três dias, uma sobre as velas e uma sobre o Camundongo e uma sobre o Sortudo. Eu preferia ter quatro anos de novo, se cinco significa brigar todo dia.

– Boa noite, Quarto – eu disse, bem baixinho. – Boa noite, Abajur e Balão.

– Boa noite, fôgão – disse a Mãe –, e boa noite, mesa.

Eu sorri.

– Boa noite, Bola de Palavras. Boa noite, Forte. Boa noite, Tapete.

– Boa noite, ar – disse a Mãe.

– Boa noite, barulhos de todo canto.

– Boa noite, Jack.

– Boa noite, Mãe. E os Percevejos, não esqueça os Percevejos.

– Boa noite, durma bem, não deixe os percevejos picarem ninguém.



Quando acordei, a Claraboia estava toda azul no vidro, não tinha sobrado nenhuma neve, nem mesmo nos cantos. A Mãe estava sentada na sua cadeira segurando o rosto, quer dizer, sentindo dor. Olhava para alguma coisa na Mesa, duas coisas.

Dei um pulo e peguei.

– É um jipe! Um jipe com controle remoto!

Fui zunindo com ele pelo ar, era vermelho, do tamanho da minha mão. O controle era prateado e retangular, e quando balancei um dos botões com o polegar as rodas do jipe giraram, zzzuuuum.

– É um presente de aniversário atrasado.

Eu sabia quem trouxe, foi o Velho Nick, mas ela não quis falar.

Eu não queria comer meu cereal, mas a Mãe disse que eu poderia brincar de novo com o jipe logo depois. Comi vinte e nove, depois não senti mais fome. A Mãe disse que isso era desperdício e comeu as sobras.

Descobri como movimentar o Jipe só com o Controle Remoto. A antena fininha de prata eu podia deixar bem comprida ou bem curta. Um botão fazia o Jipe ir pra frente e pra trás, com o outro ele ia pra um lado e pro outro. Se eu apertasse os dois ao mesmo tempo, o Jipe ficava paralisado, como por uma flecha envenenada, e dizia *arghhhh*.

A Mãe falou que era melhor começar a limpeza, porque hoje é terça-feira.

– Devagar – recomendou –, lembre-se de que ele quebra.

Eu já sabia disso, tudo pode quebrar.

– E, se você o deixar ligado por muito tempo, as pilhas vão acabar e não temos nenhuma sobressalente.

Posso fazer o Jipe circular pelo Quarto todo, é fácil, menos na borda do Tapete, que se enrosca embaixo das rodas. O Controle é o chefe, ele diz: “Vamos lá, seu Jipe molengão. Duas vezes em volta daquela perna da Mesa, ligeirinho. Faça essas rodas girarem.” Às vezes o Jipe se cansa e o Controle gira as rodas dele, *grrrrrrrr*. O Jipe levado se escondeu no Guarda-Roupa, mas o Controle encontrou ele por mágica e o fez zunir pra frente e pra trás, batendo nas tabuinhas.

As terças e sextas sempre têm cheiro de vinagre. A Mãe foi esfregar embaixo da Mesa com um trapo que era uma das minhas fraldas que eu usei até fazer um ano. Aposto que ela está tirando a teia da Aranha, mas não me incomoda muito. Depois ela pegou o Aspirador, que faz tudo barulhento e empoeirado, *uaaá uaaá uaaá*.

O Jipe escapuliu pro Embaixo da Cama. “Volte, meu Jipinho nenenzinho”, disse o Controle Remoto. “Se você virar um peixe no rio, serei pescador e vou pegá-lo na minha rede.” Mas o Jipe esperto ficou quieto, até o Controle tirar um cochilo, com a antena toda abaixada, se esgueirou de fininho para trás dele e tirou suas pilhas, ha ha ha.

Brinquei o dia inteiro com o Jipe e o Controle, menos quando estava na Banheira e eles tiveram que estacionar na Mesa, pra não enferrujar. Quando fizemos a Gritaria, empurrei os dois pro alto, bem perto da Claraboia, e o Jipe fez *vrum* com as rodas o mais alto que pôde.

A Mãe deitou de novo, segurando os dentes. De vez em quando soltava um grande sopro, *puf puf puf*.

– Por que você está soprando tanto?

– Tentando controlar a situação.

Fui sentar perto da cabeça dela e fiz festa no seu cabelo, tirei de cima dos olhos; a testa dela estava escorregando. Ela pegou minha mão e apertou com força.

– Está tudo bem.

Não parecia bem.

– Você quer brincar com o Jipe e o Controle e comigo?

– Mais tarde, talvez.

– Se você brincar, a sua mente não liga e a matéria não vai importar.

Ela deu um sorrisinho, mas a bufada seguinte saiu mais alta, feito um gemido.

Às 5:57, eu disse:

– Mãe, são quase seis horas – e ela se levantou pra fazer o jantar, mas não comeu nada. O Jipe e o Controle esperaram na Banheira, que agora está seca e é a caverna secreta deles. – Na verdade, o Jipe morreu e foi pro Céu – eu disse, comendo minhas fatias de frango bem depressa.

– Ah, é?

– Mas aí, de noite, quando Deus estava dormindo, o Jipe saiu de mansinho e deslizou pelo Pé de Feijão até o Quarto, para me visitar.

– Foi esperto da parte dele.

Comi três vagens e tomei uma golada de leite e mais outras três, elas descem um pouco mais depressa de três em três. Cinco ia ainda mais depressa de ligeiro, mas isso eu não consigo, minha garganta ia fechar. Uma vez, eu tinha quatro anos e a Mãe escreveu “Vagem/outras legumes congelados” na lista de compras, e eu rabisquei “Vagem” com o lápis laranja e ela achou engraçado. No final, comi o pão macio, porque gosto de ficar com ele na boca, feito uma almofada.

– Obrigado, Menino Jesus, especialmente pelas fatias de frango – eu disse –, e, por favor, chega de vagem por muito tempo. Ei, por que nós agradecemos ao Menino Jesus e não a ele?

– Ele?

Fiz sinal com a cabeça para a Porta.

O rosto dela ficou chocho, mesmo sem eu ter dito o nome dele.

– Por que deveríamos agradecer a ele?

– Você agradeceu, outro dia, pelas compras e por ele tirar a neve e pelas calças.

– Você não deveria escutar – ela disse. Às vezes, quando a Mãe fica zangada pra valer, sua boca não abre direito. – Foi um agradecimento falso.

– Por que foi...?

Ela me interrompeu:

– Ele é só a pessoa que traz as coisas. Não faz realmente o trigo crescer no campo.

– Que campo?

– Ele não pode fazer o sol brilhar no campo, nem a chuva cair, nem coisa nenhuma.

– Mas, Mãe, o pão não vem do campo.

Ela apertou a boca.

– Por que você disse...?

– Deve estar na hora da televisão – ela falou depressa.

Eram videoclipes, uma coisa que eu adoro. Quase sempre a Mãe faz os passos comigo, mas hoje não. Pulei na Cama e ensinei o Jipe e o Controle a balançarem o bumbum. Teve Rihanna e T.I. e Lady Gaga e Kanye West.

– Por que os cantores de rap usam óculos escuros até de noite? – perguntei à Mãe. – Eles sentem dor nos olhos?

– Não, eles só querem ficar bonitos. E não ter os fãs olhando para a cara deles o tempo todo, por serem tão famosos.

Fiquei confuso.

– Por que os fãs são famosos?

– Não, as estrelas é que são.

– E não querem ser?

– Bem, acho que sim – disse a Mãe, levantando para desligar a TV –, mas também querem ter um pouco de privacidade.

Quando eu tomei um pouco, a Mãe não me deixou levar o Jipe nem o Controle para a Cama, apesar de serem meus amigos. E depois disse que eles têm que ir para a Prateleira enquanto eu estiver dormindo.

– Caso contrário, eles vão cutucar você de madrugada.

– Não vão, não, eles juram.

– Escute, vamos guardar o seu jipe, e depois você pode dormir com o controle remoto, porque ele é menor, desde que a antena esteja toda abaixada. Fechado?

– Fechado.

Quando eu estava no Guarda-Roupa, conversamos pelas tabuinhas.

– Deus abençoe o Jack – ela disse.

– Deus abençoe a Mãe e faça uma mágica pra melhorar o dente dela. Deus abençoe o Jipe e o Controle Remoto.

– Deus abençoe os livros.

– Deus abençoe tudo aqui e no Espaço Sideral e o Jipe também. Mãe?

– Sim.

– Onde a gente fica quando está dormindo?

Ouvi ela bocejar.

– Aqui mesmo.

– Mas os sonhos – esperei. – Eles são da TV? – Ela continuou sem responder. – A gente entra na televisão pra sonhar?

– Não. Nunca estamos em nenhum outro lugar senão aqui – ela disse, com uma voz que soou muito distante.

Deitei enroscado, com os dedos encostados nos botões do Controle. Cochichei:

– Vocês não conseguem dormir, botõezinhos? Tudo bem, tomem um pouco.

Pus os dois nos meus mamilos e eles se revezaram. Eu estava meio adormecido, mas só quase.

Bipe bipe. Foi a Porta.

Ouvi com muita atenção. Entrou o ar frio. Se eu estivesse com a cabeça fora do Guarda-Roupa, a Porta ia abrir e aposto que eu podia enxergar

direto as estrelas e as naves espaciais e os planetas e os alienígenas zunindo pra lá e pra cá nos óvnis. Eu queria queria queria poder ver.

Bum, fez a Porta fechando, e o Velho Nick foi dizendo à Mãe que não tinha achado nada de uma coisa e que uma outra coisa estava mesmo com um preço ridículo.

Fiquei pensando se ele tinha olhado para a Prateleira e visto o Jipe. É, ele trouxe o Jipe pra mim, mas nunca brincou com ele, eu acho. Não vai saber como ele faz, de repente, quando eu ligo o Controle, *vruuummm*.

A Mãe e ele só conversaram um pouquinho hoje. O Abajur apagou, *clique*, e o Velho Nick fez a cama ranger. Conteí de um em um algumas vezes, em vez de cinco, só pra fazer diferente. Mas comecei a perder a conta e mudei pra cinco em cinco, que vai mais depressa, e conteí até trezentos e setenta e oito.

Tudo quieto. Acho que ele deve estar dormindo. Será que a Mãe desliga quando ele desliga, ou fica acordada esperando ele ir embora? Vai ver que os dois estão desligados e eu ligado, o que é esquisito. Eu podia sentar e sair de engatinhando do Guarda-Roupa, eles nem iam saber. Podia fazer um desenho deles na Cama, ou coisa assim. Fiquei pensando se eles estavam um do lado do outro ou virados ao contrário.

Aí me veio uma ideia terrível: e se ele estiver tomando um pouco? Será que a Mãe ia deixar, ou ia dizer “Nem vem, neném, isto é só para o Jack”?

Se tomasse um pouco, vai ver que ele começava a ficar mais real.

Tive vontade de dar pulos e gritos.

Achei o botão de ligar do Controle e botei no verde. Não ia ser engraçado se os superpoderes dele comesçassem a girar as rodas do Jipe lá em cima, na Prateleira? Podia ser que o Velho Nick acordasse todo surpreso, ha ha.

Experimentei o botão de avanço, não aconteceu nada. Idiota, esqueci de levantar a antena. Puxei todo o comprimento dela e tentei de novo, mas o Controle ainda não funcionou. Enfiei a antena pelas tabuinhas, ela ficou do lado de fora e eu dentro, tudo ao mesmo tempo. Cliquei o botão. Ouvi um sonzinho que devia ser as rodas do Jipe ganhando vida, e aí...

STAPLAAAAAFT!

O Velho Nick rugiu como eu nunca tinha ouvido, era qualquer coisa sobre Jesus, mas não foi o Menino Jesus que fez aquilo, fui eu. O Abajur acendeu, a luz bateu nas tabuinhas e em mim, meus olhos se espremeram até fechar. Voltei de fininho pro lugar e cobri a cabeça com o Cobertor.

Ele gritou:

– O que é que você está querendo aprontar?

A Mãe soou toda trêmula, dizendo:

– O que foi, o que foi? Você teve um pesadelo?

Mordi o Cobertor, macio feito pão de centeio na minha boca.

– Você tentou fazer alguma coisa? Tentou? – a voz dele foi descendo mais. – Porque eu já lhe disse que a culpa vai ser sua se...

– Eu estava dormindo – falou a Mãe, com uma vozinha minguada. – Por favor... olhe, olhe, foi o idiota do jipe que rolou da prateleira.

O Jipe não é idiota.

– Eu sinto muito – disse a Mãe. – Desculpe, eu devia tê-lo posto num lugar de onde ele não caísse. Eu estou mesmo, eu fico mesmo completamente...

– Está bem.

– Olhe, vamos apagar a luz...

– Não – disse o Velho Nick –, pra mim chega.

Ninguém falou nada. Conteí um hipopótamo dois hipopótamos três hipopótamos...

Bipe bipe, a Porta abriu e fechou, *bum*. Ele foi embora.

O Abajur tornou a desligar com um clique.

Tateei o chão do Guarda-Roupa, procurando o Controle, e achei uma coisa terrível. A antena dele, toda curta e afiada, deve ter quebrado nas tabuinhas.

– Mãe – sussurrei.

Nenhuma resposta.

– O Controle quebrou.

– Vá dormir.

A voz dela estava tão rouca e assustadora que achei que não era ela.

Contei meus dentes cinco vezes, deu vinte em todas, mas mesmo assim tive que contar de novo. Nenhum deles dói ainda, mas pode ser que doam quando eu tiver seis anos.

Acho que peguei no sono, só que eu não sabia, porque aí acordei.

Ainda estava no Guarda-Roupa, com tudo escuro. A Mãe ainda não tinha me levado para a Cama. Por que não me levou?

Empurrei as portas e escutei a respiração dela. Ela estava dormindo, não podia estar zangada dormindo, podia?

Engatinhei pra baixo do Edredom. Deitei perto da Mãe sem encostar, estava tudo quente em volta dela.